

A VIVÊNCIA DA FÉ CRISTÃ COMO MEIO DE SUPERAÇÃO DA ANGÚSTIA HUMANA EM SOREN KIERKEGAARD

Leila Teixeira de Araújo^()
Gilzane Silva Neves^(**)*

Resumo

O principal objetivo deste texto é apresentar, através de revisão bibliográfica, a fé religiosa, especialmente a fé cristã, como o verdadeiro amparo do homem perante a angústia, conceito central no pensamento de Søren Kierkegaard. Para isso procuramos compreender os estados da existência que envolvem o homem como indivíduo dotado de liberdade e possibilidades, que segundo o filósofo simbolizam a luta deste ser consigo mesmo, podendo conquistar a existência autêntica. Processo que passa pelos estágios estético e ético, podendo adentrar a fase religiosa, alcançando plenamente a vivência da fé, ponto máximo da própria existência. Em Kierkegaard se compreende que o cristianismo tem o propósito de libertar o homem do pecado original e apresentar concomitantemente uma forma de conduta, que se seguida, se torna amparo ao abismo de sua liberdade. Enfim, o estágio religioso é aquele que dará verdadeiro sentido às suas escolhas, mesmo que este não diminua a tensão e o conflito de sua existência angustiante. A religiosidade como vivência da fé possibilitará que o indivíduo descanse na providência divina.

Palavras-chave: Indivíduo. Angústia. Escolhas. Fé. Cristianismo.

Abstract

The aim of this paper is to present, through literature review, religious faith, especially the Christian faith as the true helper of the man before the distress, a central concept in the thought of Søren Kierkegaard. Try to understand the states of existence involving the man as an individual endowed with freedom and possibilities, which the philosopher symbolize the struggle of this being himself, can win the authentic existence. Process that goes through aesthetic and ethical stages, may enter the religious stage, fully reaching the experience of faith, peak of existence itself. In Kierkegaard is understood that Christianity is meant to free man from original sin and concomitantly provide a form of conduct, which then becomes support to the depths of their freedom. Anyway, the religious stage is one that will give true meaning to their choices, even if this does not diminish the tension and the conflict of their harrowing existence. Religiosity as life of faith will enable the individual to rest in God's providence.

Keywords : Individual. Anguish. Choices. Faith. Christianity.

INTRODUÇÃO

^(*)Graduada em Filosofia Licenciatura e pós-graduada em Ciências da Religião pela Faculdade Católica de Uberlândia. Email: leilaaraujo07@hotmail.com

^(**)Mestre em Filosofia (PUC-Campinas) e professor/coordenador do Curso de Especialização em Ciências da Religião. Email: gilzanenaves@yahoo.com.br

A existência é, foi e sempre será uma aventura envolvente e desafiadora para os seres humanos. O pensamento de Kierkegaard apresenta-se como um dos primeiros esforços sistemáticos da razão e da fé para alcançar tal compreensão da realidade na qual está inserida a existência humana.

Neste texto procuramos apresentar uma breve reflexão da possibilidade apresentada pelo filósofo e teólogo dinamarquês que atribui ao cristianismo o mérito de ser a solução aos anseios, dúvidas e sentimentos de desamparo que assolam o ser humano. Ser que vive opções de escolha e certeza angustiante de sua finitude, tema abordado pelo filósofo naquela que é apontado por muitos como sendo sua principal obra filosófica *O Conceito de Angústia* (1968).

A crença na existência de algo ou alguém sobre-humano, responsável pela ordenação ou criação é para muitos o que originou as religiões. Uma forma de ajudar o homem a compreende-se no mundo e a se ver em meio a ele, mediante sua condição existencial e escolhas. Durante a história várias religiões e filosofias de vida surgiram na tentativa de amparar o ser humano, dentre elas o cristianismo, que tem em Jesus Cristo seu fundador e ainda é a maior religião do mundo. Para esta religião o homem foi criado por Deus à sua imagem e semelhança, tem destaque em relação aos outros seres, veio ao mundo para viver em comunidade e ainda é dotado de inteligência e livre-arbítrio, o que lhe permite escolher entre o certo e o errado.

Visando analisar como a vivência da fé cristã como meio de superação da angústia humana é uma das teses no pensamento soren kierkegaard, demonstraremos num primeiro momento a definição de homem em Kierkegaard e sua relação com o transcendente. O que se dará ao refletirmos sobre a sua condição de indivíduo angustiado pelo pecado inicial de Adão e posterior passagem de tal angústia a toda humanidade. Em seguida pesquisaremos como o indivíduo livre, que perante as formas de existências estética, ética e religiosa pode encontra sua verdadeira vocação existencial na vivencia da fé. Sem a qual não é possível uma realização plena do homem. Por fim, analisamos como o cristianismo é apresentado como proposta de superação ao ser de angústia em Kierkegaard.

Destarte compreenderemos que viver de acordo com os ensinamentos cristãos é a maneira de alcançar e permanecer no estágio religioso, que Kierkegaard acredita ser o

objetivo final e solução para toda problemática existencial humana, pois nesta a confiança repousa na providência divina insubstituível.

O INDIVÍDUO COMO SER ANGUSTIANTE

Há indícios de que a humanidade, em todas as épocas e cada qual a seu modo, sempre buscou compreender a origem da realidade, do mundo, da vida. Buscando explicações para fatos que fogem muitas vezes do entendimento humano, como própria finitude. O fenômeno da morte e suas interpretações nos leva a pensar o quanto este influenciou as várias culturas, desde a antiguidade, para se dedicarem à realização de inúmeros esforços visando compreender a sua relação com o imaterial, o transcendente, o nada que está para além da morte. Para a qual muitos atribuem a causa real do surgimento e desenvolvimento da maioria das grandes religiões, ou como afirma Hellern, Notaker e Gaarder (2000):

Nós perguntamos:

- Quem sou eu?
- Como foi que o mundo passou a existir?
- Que forças governam a História?
- Deus existe?
- O que acontece conosco quando morremos?

Diante de tais questões cada ser humano tem seu entendimento, faz suas reflexões e consequentes escolhas; embora não se possa ter certeza de que tais escolhas são resultado da efetiva consciência do fenômeno da morte. Fato é que esta nos angustia e nos faz pensar sobre o que não sabemos sobre ela, pois não há em que se agarrar racionalmente. Não há nada racionalmente que nos ofereça garantias de uma vida além ou qualquer continuidade da existência em outro plano. Mas a própria vida não oferece qualquer garantia ou segurança. O que não significa que a angústia existencial exista por conta da finitude humana. O próprio Kierkegaard dirá que a angústia se dá em relação à liberdade e não por conta da morte. Será a angústia o caminho para o ser verdadeiramente livre. Mas como se daria tal percurso?

Kierkegaard afirma em *O Conceito de Angústia*, que esta é uma condição própria da existência humana. Ela se manifesta em várias situações no mundo. Contudo, diferente dos demais sentimentos que se referem a um objeto determinado, a angústia não tem essa

precisão, ela surge da existência como possibilidade. As possibilidades se apresentam como realização em um futuro. No entanto, tais possibilidades são incertas, podem nem sequer existirem, ou mesmo serem desastrosas, trazendo o fracasso e a dor. Assim o existir passa a ser uma dúvida universal, sem esperança, apoio ou segurança. A angústia tira as seguranças habituais do homem. Segundo Kierkegaard, restam ao indivíduo duas opções: o suicídio e fé. Como não é de nosso objetivo aqui abordar a primeira opção, vamos nos aprofundar na reflexão sobre a fé e tudo aquilo que ela representa. Aliás, dirá o pensador dinamarquês que esta é uma paixão, sentimento que evidencia força. Uma conquista constante sobre a dúvida. “A fé é uma paixão e é na paixão que toda a existência humana encontra a sua unidade” (GILES, 1989, p, 12).

Segundo Kierkegaard, em *O Conceito de Angústia (1968)* a vida do homem se estabelece a partir de situações de possibilidades. No entanto essas possibilidades não são certas e podem trazer sucesso ou fracasso. Diante das várias possibilidades onde as decisões são necessárias e trazem sempre suas conseqüências, o homem cai numa existência angustiosa e cheia de dúvidas. A angústia retira do homem suas seguranças habituais. Ele experimenta a situação existencial precária que vive que é própria da liberdade inata. Sem apoio ele dá início a uma busca: um suporte qualquer que o alivie da completa situação de solidão e abandono. “A dialética se apresenta em Kierkegaard como oposição dos extremos, como ambigüidade, pois o ‘eu’ não é ‘dado’; é a possibilidade do ‘eu’ que é dada, e, nesse sentido, é o palco do conflito existencial.” (GILES, 1989, p. 9)

Kierkegaard define o homem como síntese de alma e corpo, sendo necessário que estes elementos se unam a um terceiro que é o espírito. Em estado de sonho, tal espírito já está presente desde a fase da inocência. Mas o que seria este “espírito” senão uma espécie de potência desejosa em edificar sua relação consigo mesma, por meio da angústia. A paz só seria alcançada no ato mesmo do encontro do espírito com sua interioridade. Aqui o espírito se constata em um real estado de ignorância, o que não deixa de ser uma angústia e na qual a própria ignorância se abre sobre o nada. Por outro lado, as realidades do saber fundam-se na angústia como o imenso nada do não conhecer. Um exemplo utilizado por Kierkegaard é a referência bíblica do Gênesis, quando Deus orienta Adão a não comer a fruta da árvore do bem e do mal, neste momento Adão não poderia compreender esta frase,

pois ainda não tinha o entendimento da distinção entre o bem e o mal. Esta surge somente depois de saboreado o fruto. (GILES, 1989)

Assim, segundo o filósofo de Copenhague, a proibição desperta o desejo, a ignorância vai dando lugar ao saber, para o qual é necessária a vivência da plena liberdade. O proibido deixa Adão inquieto e o desperta para a possibilidade da liberdade. O que se oferecia com inocência, como um nada da angústia, penetrou-o e permanece ainda um nada, a angustiante possibilidade do poder. Uma vez saboreado o fruto nasce à concepção de pecado, que pode ser definida como fraqueza elevada à suprema potência, uma vez que este representou o início e fonte de todos os demais pecados. Daí para o homem o aspecto mais temível é a consciência que este culpado tem de estar perante Deus, pois este eleva essa ação a uma infinidade de potência.

Com o primeiro pecado, o pecado entrou no mundo. O mesmo é dizer que, com o primeiro pecado de qualquer homem posterior a Adão, o pecado entra no mundo. Porém dizer que não havia pecado antes da queda de Adão, é uma afirmação não só completamente fortuita e irrelevante no que toca ao pecado em si, como desprovida de sentido e de direito de tornar maior o pecado de Adão e menor o primeiro pecado de qualquer outro homem. (KIERKEGAARD, 1968, p. 47).

Kierkegaard afirma a necessidade de um pecado original, mesmo que seja a falta do conhecimento, como descreve o cristianismo. O filósofo defende que deve ter havido a ignorância original de um ser que nada sabia até o momento da escolha. E se por acaso a ignorância for considerada já parte do ser humano, o pecado estará nas profundezas deste e na atividade que busca elucidar o conhecimento e não a ignorância. (GILES, 1989).

Do mesmo modo que há uma progressão da pecabilidade no gênero humano de acordo com as determinações quantitativas, ocorre também com a angústia. Logo, a existência do pecado original no ser é uma angústia que apenas quantitativamente se difere da de Adão. A diferença é que a angústia traz mais reflexão ao homem com a evolução e crescimento quantitativo.

A angústia, se não é uma categoria da necessidade, também o não é da liberdade; corresponde a uma liberdade entravada, em que a liberdade não é livre em si mesma mas cujo entrave se insere nela própria e não na necessidade. Se o pecado tivesse entrado no mundo mediante a necessidade (o que seria uma contradição) não haveria angústia alguma. (KIERKEGAARD, 1968, p. 75).

A ANGÚSTIA E AS FASES DA EXISTÊNCIA

As escolhas do indivíduo mediante as formas de existências podem, segundo Kierkegaard, ser de três naturezas básicas, que se expressam como fases, estádios ou estágios, os quais Kierkegaard designa de estética, ética e religiosa. Sendo este último, o momento em que o indivíduo encontra sua verdadeira razão: na vivência da fé encontra o ponto mais relevante da sua existência.

Na fase estética o indivíduo busca nos prazeres e no conhecimento uma segurança para firmar sua existência. Ele tem a falsa exaltação que é seguida de aborrecimento e amargura. Vive dominado pelos sentidos e sentimentos, sente-se com uma capacidade subjetiva infinita, mas constrói somente um mundo ilusório que é destruído pela própria subjetividade. Esta fase se caracteriza como uma vontade infeliz no imediato. Uma vez que não se consegue realizar seus anseios fora de si, ele passa a não suportar mais a sua existência no presente. Tentando escapar do vazio tedioso do presente ele busca um passado irreal e um futuro impossível. Neste momento o indivíduo se dedica cada vez mais aos prazeres desregrados e busca na recordação o que deveria procurar na esperança. Nesta fase está constantemente presente o desespero no indivíduo que vem do seu próprio interior e não do mundo exterior. Esse desespero paralisa sua vontade, o que acarreta uma impossibilidade de elevar-se a outro estágio de existência. (GILES, 1989). Ou como dirá o próprio Kierkegaard, ao referir-se ao homem que vive um processo de descoberta e auto-construção, onde a fé é essencial, mas cujas possibilidades surgem no manancial das águas límpidas da liberdade angustiante, sobretudo quando esta traz sofrimento e dificuldades, advindas das ilusões humanas.

A angústia é o possível da liberdade e só essa angústia forma, pela fé, o homem, no sentido absoluto da palavra, devorando todas as finitudes, pondo a descoberto todas as ilusões. [...] O homem formado pela angústia, é formado pela possibilidade e só aquele que a possibilidade forma está formado na sua infinitude. Por isso, a possibilidade é a mais árdua das categorias. É verdade que se ouve dizer o contrário, que o possível é fácil e muito árdua a realidade. Mas a quem se ouve proferir estes discursos? A alguns pobres diabos que nunca souberam o que é o possível, e que, como a realidade lhes mostra que nada valem nem nunca nada valerão, erguem ilusoriamente um possível, a acreditar neles belo e delicioso, quando afinal como base deste possível não existe senão uma leviandade de juventude de que melhor seria ter vergonha. Por isso o possível de que se elogia a facilidade é entendido como uma possibilidade de bem estar, de fortuna, etc.; o que de modo algum corresponde

ao possível, mas a uma invenção enganadora que a perversidade humana vai enfeitando para ter, não obstante, motivos de queixa quanto à vida, quanto à providência, etc., e para se encher de importância. (KIERKEGAARD, 1968, p. 232-233).

A resolução, ou superação desta fase não ocorre nem com o determinismo rígido nem com a morte, pois assim como o indivíduo é constituído de forças que o concedem as opções livres, tem também forças que ele não criou e que às vezes é submetido, independente da sua vontade e que o leva suplantando o estágio estético e o conduz ao ético, a fase seguinte.

Na fase ética o indivíduo se descobre consciente de suas falhas, mas esta fase não lhe dá uma nova existência. Esta fase ressalta a consciência do conflito real entre o universal, o que é exigido de todos, e a interioridade da subjetividade que se torna preparação para a fase religiosa (GILES, 1989). Ou seja, na fase ética da existência o indivíduo ainda não possui autonomia plena e se vê como mais um em meio à multidão, procurando ser cumpridor da moral vigente.

A fase religiosa, ou estágio da fé se dará quando as regras e exceções do indivíduo são direcionadas para cumprir a vontade de Deus, quando as justificativas de ordem racional não têm mais aquela relevância habitual.

Para Giles (1989) esta fase não tem fundamento em conseqüências sociais e históricas, somente na justificação individual e instantânea, por isso não há regras, critérios ou justificativas. Quando ocorre a transição da fase ética para a religiosa as categorias éticas são suspensas por meio da fé em Deus. Contudo, o indivíduo não tendo como saber previamente se é um eleito para a salvação, o mesmo não pode abster-se do comportamento ético, antes deve experimentar a própria angústia que está na sua interioridade. O que ocorre é um salto sem volta, isento de garantias de sucesso, já que racionalmente todas as tentativas para resolver os conflitos existenciais na primeira e segunda fase falharam.

O homem no estágio religioso é um ser cuja vida se funda na fé e em cuja existência se encontra a angústia. Esta angústia conduz o homem ao processo de individualização, mas não ao individualismo. É a partir de tal angústia, com o auxílio da fé que o homem se molda para descansar na providência, entregando a vida e seus caminhos aos cuidados de Deus. O cristianismo será este “caminho” a conduzir o fiel na busca de tal ‘descanso na providência’.

Porém, só se recebe esta formação absoluta e infinita do possível sob condição de ser honesto com ele e de ter fé. Por fé, entendo aquilo que Hegel, à sua maneira, designa muito justamente pela certeza interior que antecipa a infinitude. Quando se administram honestamente as suas descobertas, o possível descobre todas as finitudes e idealiza-as como figuras da infinitude e prosta de angústia o indivíduo até que este as vence na antecipação da fé. (KIERKEGAARD, 1968, p. 234).

O CRISTIANISMO COMO RESPOSTA DE FÉ AO SER DE ANGÚSTIA

O cristianismo é uma religião nascida no Oriente Médio, apesar de ter maior destaque no Ocidente. Em uma região dominada pelo poder romano, mesmo antes do nascimento de Jesus Cristo, convivia com o judaísmo, a religião oficial, e várias outras pequenas religiões e seitas, as quais fomentavam a ideia esperançosa da vinda de um Messias libertador. Contudo, o cristianismo surge na Palestina como um movimento religioso e pacífico, fundado por Jesus de Nazaré, um judeu que foi perseguido e morto posteriormente pelo império romano. E nos lembra Almeida (2012), que no início havia uma aproximação muito grande entre o judaísmo e o cristianismo, visto que este derivou de Jesus, um homem judeu, e influenciado muito fortemente o seu culto e demais características.

O culto cristão dos primeiros tempos tinha por característica a simplicidade do ritual, realizado nas casas cedidas pelos fiéis, onde se reuniam para orar e participar da cerimônia de partilha do pão, expressão presente no ato dos apóstolos para designar o sacramento da eucaristia. Embora participassem da partilha do pão e das orações, os primeiros cristãos, que faziam parte da comunidade judaica, também freqüentavam o templo, uma vez que o cristianismo, inicialmente, não estava totalmente dissociado do judaísmo. (ALMEIDA, pg. 32)

O mesmo império romano também persegue os seus seguidores durante séculos, mas enfim se rende aos seus princípios, tornando-se cristão no século IV. Um dos princípios fundamentais dessa religião é ressaltar a organização e a importância da vida em comunidade. Mensagem que foi-se disseminando cada vez mais, conquistando novos seguidores, principalmente por meio da fé e do esforço evangelizador de homens como Pedro, João, Tiago (discípulos de Cristo) e Paulo seu principal apóstolo. Homens que com o auxílio de muitas mulheres contribuíram com seu testemunho e vida para o fortalecimento da fé e dos ensinamentos de Jesus Cristo. Tais ensinamentos foram

fundamentais na composição dos livros do Novo Testamento, que juntamente com o velho ou primeiro testamento formaram a Bíblia Sagrada, principal livro dos ensinamentos cristãos.

Toda a história da formação do cristianismo, por mais que tenha sido registrada nos livros sagrados, chega a certo ponto que foge das explicações racionais, ficando amparada somente pela fé. E é isso que Kierkegaard procura demonstrar na obra *Temor e Tremor* (1979), explicando o momento em que o homem se desespera frente ao vácuo que nem os prazeres estéticos e nem as obrigações éticas preenchem, mas somente a fé. “A fé não constitui, portanto, um impulso de ordem estética, é de outra ordem muito mais elevada, justamente porque pressupõe a resignação.” (KIERKEGAARD, 1979, p. 231).

Para ressaltar tal fé, Kierkegaard (1979, p. 252) menciona a ação de um “milagre; no entanto ninguém dela está excluído, porque é na paixão que toda a vida humana encontra sua unidade, e a fé é uma paixão”. Para realçar a força desta “paixão” o pensador utiliza de uma passagem da história bíblica de Abraão, na qual ele vive a angústia de ter que sacrificar seu filho Isaac a pedido de Deus. Ignorando o seu estágio ético (racional), a partir do qual acreditava ser errado matar, ainda mais quando a vida a ser tirada era a de um filho, no seu caso o único, Abraão obedece ao pedido do seu Deus, no qual confiava acima de tudo. O que confere essa confiança absoluta? Segundo Kierkegaard, somente a fé.

É agora meu propósito extrair da sua história, sob forma problemática, a dialética que comporta para ver que inaudito paradoxo é a fé, paradoxo capaz de fazer um crime um ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão o seu filho, paradoxo que não pode reduzir-se a nenhum raciocínio, porque a fé começa precisamente onde acaba a razão. (KIERKEGAARD, 1979, p. 238)

Considerar a fé sendo muitas vezes um paradoxo ou crise religiosa não dá o direito de considerá-la falsa, neste caso a opção seria não tê-la e deixar livre a possibilidade para quem crer criar os seus limites entre o paradoxo e a crise. Contudo, a vivência de tal realidade de fé, especialmente em comunidade, por meio do cristianismo e a partir de preceitos estabelecidos e vividos por aqueles que, como Kierkegaard, adotam esta fé, são indícios que sustentam a relevância da religião como busca humana por superação da angústia existencial e afirmação de um verdadeiro sentido e significado da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem é um ser existencialmente exposto aos mais diferentes desafios e perigos. Estar vivo é fazer um percurso único acompanhado de situações e condições que não necessariamente escolhemos, mas que nos remetem às escolhas. O existencialismo kierkegaardiano propõe que tal situação é evidenciada por nós devido à nossa fundamental liberdade e nossa condição angustiante. Angústia que não significa algo ruim, visto que é por meio desta que nos projetamos em busca de um desenvolvimento humano e espiritual.

É superando os estágios estético e ético que seremos capazes de aflorar em nós a dimensão da fé. A vivência plena da fé, como manifestação religiosa, especialmente no cristianismo, é o caminho para o encontro real e pleno do sentido da existência, não menos angustiante, pois continuaremos sujeitos ao tempo e às nossas fragilidades próprias. Mas mergulhados na fé cristã seremos tomados por aquela confiança que supera todas as situações que podem nos acometer e paralisar, seja pela aposta excessiva nas ilusões sensoriais que causam prazer, seja na falível e limitadora pretensão racional, que no entanto não nos liberta para a individualidade e para a autenticidade.

Ser indivíduo livre e autenticamente cristão é assumir o abismo que existe entre o homem e Deus e não perder a fé de que esta tensão reafirma a nossa responsabilidade para com nosso presente e futuro, seja como ser singular, seja como Igreja. O homem de fé se afirma pela tenaz confiança na providência divina.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ivete Batista da Silva. *História das Religiões*. Editora Prominas, 2012.

GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1989.

GAARDER, Jostein. *O Livro das Religiões*. Victor Hellern, Henry Notaker – Editora Schwarcz Ltda. Cia das Letras. São Paulo, 2000.

KIERKEGAARD, Soren A. *O Conceito de Angústia*. 2. ed. Editorial Presença, 1968.

_____. *Temor e Tremor*. In: Os pensadores. Editora Abril Cultural. São Paulo, 1979.

MARTINS FILHO, Ives Gandra da Silva. *Manual esquemático de história da filosofia*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: LTr, 2000.

(Recebido em março de 2015; aceito em junho de 2015)